

JORNAL *O RELATO*: ESPAÇO DE LEITURA E DIVULGAÇÃO DA CULTURA ORAL SERTANEJA DE ARACATU, BA

Naiara Porto da Silva Coqueiro
Rede Municipal de Ensino de Guanambi/BA
nai_016@yahoo.com.br

Erivan Coqueiro Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
erivanconsultoria01@gmail.com

Gilvan dos Santos Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
gil-uesb@hotmail.com

Resumo: O trabalho pretende analisar o jornal *O Relato* como um espaço de divulgação de produções textuais, bem como de preservação da memória da zona rural do município de Aracatu - BA, em que a comunidade pode publicar textos da tradição oral, como causos, repentes, poesias, relatos de experiências e imagens recolhidos por meio de gravações, conversas, filmagens e fotografias. O esplendor e as mazelas do sertão são matérias-primas do periódico mensal. Os resultados demonstraram que quando estas expressões são publicadas, os membros do referido meio de comunicação retornam para as comunidades, entregando gratuitamente o informativo para a população, como forma de divulgar a prática leitora.

Palavras-chave: Cultura sertaneja. Leitura. Oralidade.

Introdução

Toda sociedade é permeada por fatores culturais que são transmitidos de geração a geração via artefatos míticos, éticos e religiosos que muitas vezes norteiam a forma de pensar e agir de um determinado grupo ou comunidade. Todavia, notamos que na medida em que o tempo passa esses elementos tendem a se perder, sendo necessária a busca de meios e estratégias que visem a preservação dos registros dessas memórias. Tendo como base o princípio que as memórias provêm a atual identidade de um povo, realizamos a coleta de dados nessa pesquisa por meio de fotos, documentos de arquivos biblioteca. E de modo bem específico, proposto neste trabalho, tem-se

o Jornal O Relato, pois a importância de “preservar informações em quaisquer tipos de suporte provêm da necessidade de resguardar o passado, no intuito de entender o presente e fazer prospecções ao futuro com base nas experiências vivenciadas anteriormente”. (MENDES; SANTOS; SANTIAGO, 2010, p.2)

Notamos assim, que a memória se apresenta como elemento de fundamental importância, no processo de preservação das marcas culturais de um povo. Para Monteiro (2008), esse tipo de memória pode ser considerada como coletiva por fazer parte das características de um grupo de pessoas, e que ultrapassa a memória individual e biológica de um indivíduo tornando-se a memória de uma sociedade. Outro ponto a ser considerado ao pensarmos na preservação da memória é

[...] o testemunho vivo da herança cultural de gerações passadas que exerce papel fundamental no momento presente e se projeta para o futuro, transmitindo às gerações por vir as referências de um tempo e de um espaço singulares, que jamais serão revividos, mas revisitados, criando a consciência da Inter comunicabilidade da história (LUPORINI; MILANESI apud BARROS, 2003, p.75).

E foi reconhecendo esses aspectos que procuramos descrever a importância do jornal O Relato, como instrumento de preservação da cultura e da memória da zona rural de Aracatu. A proposta de elaboração do jornal supracitado surge a partir da convivência com o Sertão, região rica em experiências, sabedoria e cultura. Quatro jovens de Aracatu, ao viajarem pela zona rural das cidades do interior baiano, a exemplo de Presidente Jânio Quadros, Maetinga, Anagé, Brumado, Caraíbas e, principalmente, Aracatu, perceberam a necessidade de um jornal, oriundo deste Sertão para o sertanejo. O projeto tem como matéria-prima a vivência do povo do sertão, as lutas, as crenças, o imaginário folclórico e a resistência em viver numa terra desprezada pelo poder público.

Assim como os irmãos Grimm fizeram na Europa, os jovens saem pelos “carreiros” e fazendas coletando histórias e estórias dos sertanejos. A exemplo do poeta português Camões, que enfatiza o espírito aventureiro do homem renascentista, o qual vislumbra horizontes e se projeta em mares “nunca dantes navegados”, o jornal tinha como objetivo conceder vez e voz aos grupos

marginalizados e esquecidos, contrapondo às mídias capitalistas e excludentes que permeiam o horizonte midiático. Almejava ainda incentivar a denúncia, a crítica e o posicionamento das pessoas no tocante a arte, a literatura, aos sofrimentos, ao descaso político e à busca por melhorias; estimular as pessoas a produzirem seus próprios textos, com temáticas regionais ou globais e divulgarem no jornal. Por fim, valorizar todas as manifestações da cultura oral e popular dos povos do Sertão.

Estrutura e Metodologia de Trabalho do Relato

O Sertão possui vigores e circunstâncias que o faz diferente das outras regiões do país, e no que tange as culturas, Laraia (2008) afirma que:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA, 2001, p. 68)

O sertanejo, por exemplo, não se distingue do sulista, apenas pela distância geográfica e por causa das condições econômicas, mas também pelo *modus vivendi*, nos seus aspectos mais complexos ou mais simples. O sertanejo é conhecido por ser gigante de sagas bravias, pela sua naturalidade, pelo seu sentimento de pertencimento à terra, seu sangue aventureiro.

Freire (2002) afirma que “a educação deve partir do contexto em que o indivíduo se insere” (p.45). Neste sentido, O Relato se propõe a estimular a leitura e cativar seu leitor mediante textos que condizem com seu meio circundante, de tal forma que este indivíduo possa ler, refletir e agir criticamente. Pois quem lê é atraído pelo que chamou sua atenção, por aquilo que lhe interessa, segundo seus desejos, gostos e realidade. Ao ser tocado, desafiado nesta leitura, conquistado por ela percebe-se e pretende-se que a mesma pode influir socialmente. Isso perpassa por dois momentos essenciais, a saber: o momento da surpresa do leitor com o texto; e o segundo momento trata-se do que se reordena e reelabora o experimentado. Desta forma, “coisas misteriosas ocorrem em cada um de nós, de modo que ler literatura poderia ser um privilégio, não um castigo com questionários inoperantes para efeito de leitura” (YUNES, 2009, p.40).

O desenvolvimento do projeto de publicação do jornal, iniciado em junho de 2008, com caráter consecutivo, foi realizado em quatro etapas. Primeiramente, o quadro “Figuras da Terra”, que resgata a história de pessoas idosas ainda vivas que contribuíram para a cultura e/ou história local. Há também a sessão “Chapeuzin-de-paia”, personagem com as características de um indivíduo sertanejo, com chapéu de palha e enxada no ombro, inspirado no consagrado personagem Chapeuzinho Vermelho. Nele pretende-se criticar, denunciar as mazelas do município de Aracatu e outros vizinhos, por meio da charge. Nesta há humor adequado ao público infantil, com vistas a estimular a criança a ler outros textos do jornal. Há ainda mais dois quadros: “Arte e Cultura” e “Bons Ares”. Aquele enfatiza a valorização dos artistas regionais, primando pela originalidade, pelas raízes sertanejas, as manifestações artísticas e culturais que tem se perdido e/ou diminuído ao longo dos anos a exemplo da Chula do Pilão, Cavalgada, Reisado, São João, contadores de causos, poesias. Já o último, revela o esplendor do Sertão dos municípios supracitados (sede e zona rural) em imagens e/ou denunciam mazelas, obras inacabadas, bairros sem energia, fazendas e povoados carentes de reservatórios de água e sem assistência pública.

Os textos publicados no jornal são produzidos nas localidades por meio de um formato que valoriza as falas, os clamores, as opiniões do público atingido. Desta forma, a cada número do jornal que é publicado, acredita-se que os moradores de determinada comunidade ou o público atingido terá interesse em ler a matéria ou o quadro, já que teve a oportunidade de se expressar. Assim, a leitura se desenvolve prazerosa e gradativamente entre estes indivíduos citados.

Em primeiro lugar montou-se uma coletânea de textos para lançar a primeira edição, publicada em 27 de junho de 2008, todo em preto e branco, com quatro páginas, papel ofício, tiragem de 500 exemplares e publicação bimestral. Estes textos referiam-se à migração para o trabalho sazonal da colheita do café, relatava a história de Lú, anciã de 107 anos que era viva no período, fotos da seca no sertão, matéria sobre o campeonato municipal e outros. Com os exemplares em mão, os integrantes saíram pela zona rural de Aracatu, divulgando, explicando o projeto e estimulando as pessoas de todas as idades a lerem e escreverem para o jornal. Para os analfabetos, a equipe costumava comentar brevemente os conteúdos abordados, sugerindo que solicitassem a outros para ler, a exemplo dos filhos e netos.

Com o objetivo de divulgar o jornal, os fundadores visitavam as cidades circunvizinhas como Maetinga, Presidente Jânio Quadros, Brumado, Anagé, Caetité, distribuindo exemplares gratuitamente em praça pública, entidades e povoados. Concediam entrevistas nas rádios comunitárias, a exemplo da rádio Sertão FM 104,9, de Maetinga e da rádio Sol Nascente FM 87,9, situada na cidade sede do jornal.

Nas oito primeiras edições, publicadas a cada dois meses, realiza-se divulgação das manchetes em carro-volante, convidando o público a receber o jornal, criticar, denunciar e publicar seus textos. Salienta-se também que foram proferidas diversas palestras referentes ao projeto do jornal em escolas, grupos de igreja, movimentos sociais, Rotary Club, em universidades e praças públicas.

Na 8ª edição, o quantitativo de páginas aumentou para 8 (oito), com publicação mensal. Na 10ª edição (março de 2010), a primeira e a última página passaram a ser coloridas para que a atenção do público/leitor fosse mais apreendida e deste jeito instigasse mais a leitura. Neste mesmo período e no ano seguinte O Relato promoveu o I e o II campeonato de Futebol da Fazenda Lagedão, respectivamente. Eventos com os quais o jornal foi divulgado e contribuiu para o esporte/lazer e o incentivo da leitura nesta comunidade.

Ressalta-se que a partir da 9ª edição é incrementada uma nova sessão cujo título é “A Proza das Idosas” ou “Proza das Cumadi” que também pode ter sua nomenclatura trocada para “Proza dusCumpadi”. Neste espaço, ocorre uma apropriação da variante linguística local, em que o diálogo entre duas (dois) anciãs (ãos) remete a episódios passados pertinentes à labuta com o gado, às festividades, à diversão, o cotidiano do trabalho, à política. Com isso, procurou-se valorizar a identidade dos sujeitos que habitam a região de abrangência do jornal. Sobre isso, Pedroso (1999) afirma que:

Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão legitimidade. (PEDROSO, 1999, p.78).

Percebe-se,então, quanto é importante a preservação das raízes culturais de um povo que fora construída passo a passo e tende a se perder com o tempo,devido as convivências e inter-relações sociais como outras culturas, que muitas vezes são consideradas superiores por uma determinada camada social ou intelectual.

Todas as matérias, críticas, divulgação, arrecadação de apoios, soma de parceiros e diagramação são executadas pelos seus membros, ficando para a terceirização apenas a impressão dos exemplares. A pessoa jurídica que responde pelo projeto do jornal é a Associação Comunitária de Arte e Cultura Gameleira dos Machados, do município de Aracatu-BA.

Publicações Vindas do Texto da Oralidade no Relato

Com o objetivo de facilitar o entendimento do leitor a respeito do jornal descrito, selecionamos fragmentos de duas edições para exemplificar a importância do referido documento, conforme tentamos descrever neste trabalho:

Figura 01. Fonte: O RELATO, 11ª Edição, 2010.

Serra dos Alves, Mistério, Assombro e Riqueza. Capítulo I

Serra dos Alves é uma comunidade de mais de trinta famílias localizada a 24 Km da sede de Aracatu. Conhecida pela sua grande extensão territorial, é referência para muitos outros lugares e fazendas, como Jamané (João Manoel), Mané Vêi (Manoel Velho), Lagoa da Pedra, Lagoa do Bonfim, entre outras.

Segundo O senhor Exupério Lima de Almeida, 74, aposentado, morador de João Mané, próximo a Serra dos Alves, a origem do nome do lugar deve-se ao fato de que seu ancestral mais antigo, Francisco Alves Portugal, quis registrar sua assinatura como nome do local e como há muitas serras e morros, então ficou Serra dos Alves. Neste ambiente circula um mistério além das explicações materiais e que, ora assombra, ora provoca encantamento. É o famoso Cemitério dos Cativos ou Cemitério das Almas. Este espaço, segundo os moradores mais antigos do local, foi gerado a partir de um massacre histórico, atitude de extremo terror.

Há algumas centenas de anos havia ali capitães que exploravam da força de trabalho dos negros, fazendo-os de



escravos. Eram obrigados a trabalhar no desmatamento do mato virgem e assim irem construindo as riquezas dos seus exploradores. Num certo dia, em um alto morro, extremamente escuro por causa da enorme proximidade das plantas nativas, cheias de muitos espinhos, com diversas ladeiras íngremes, os escravos exaustivamente destocavam o matagal. Neste dia, ao concluírem o ofício de praxe, foram jogados impiedosamente no mato e queimados vivos. Os gritos ecoaram as extremidades da região e muitas pessoas relatam ter sentido arrepios na pele, como se a agonia destas vítimas

navegasse em ondas espirituais.

Segue o Relato de uma moradora.

D. ÁUREA: Pônhô os negro pá roçá o mato e tirá a madeira e agora botô fogo neles. Nisso virô Santo. Chamô o padre pá benzer e o padre achô um Santo nas cinzas.

O RELATO: Quer dizer que o negro virou Santo?

D. ÁUREA: Virou. Nem meu pai, nem meu avô conheceu esses negros.

O RELATO: Eles estavam roçando para quê?

D. ÁUREA: Era fazeno roça, botano os negro pra trabalhá no cativeiro, no castigo.



Aí agora ficou o nome Cemitério dos Cativos. É milagroso.

O RELATO: Por quê milagroso?

D. ÁUREA: Por que virou Santo. Virou milagre aí agora tem gente que faz promessa nesse cemitério e é valido.

O RELATO: Como é que faz a promessa?

D. ÁUREA: Cende vela, solta foguete, tem muitas coisas, vem gente até de Conquista.

O RELATO: Mas o local hoje é cercado de madeira, murado?

D. ÁUREA: Aquele tempo era, mas hoje em dia murou.

O RELATO: Tem muito tempo que murou?

D. ÁUREA: Foi no tempo que Gildásio era prefeito.

O RELATO: Aí o povo que morre enterra tudo lá?

D. ÁUREA: Enterra tudo lá. Tão enterrano até gente de longe. Eu gostei muito, essas pessoas de longe que não era para vir enterrar e vem.

O RELATO: Tem mais ou menos quanto tempo que a senhora conhece a história e mora aqui?

D. ÁUREA: Desde quando eu nasci. Meu pais morava aqui, meu avô morava aqui.

O RELATO: Quem foi Rio Preto?

D. ÁUREA: Isso é uma prusia, uma décima. Era um escravo de outro lugar:

*Rio Preto era um negro criado na sujeição/
Depois de alcançar a liberdade/
Lugo deu pá valentão/
A troco de cartucheira, faca e facão/
Rio Preto era um negro,
do coração lão cruê
Matava os pai de famia
Mode robar as mulhé.
Desonrou muitas donzelas, muitas viúva de Fé.*



*Então, chegado na casa de Zé Leite.
Ele encontrou a mulhé só.
-Boa tarde a Deus sua dona, senhora como está?
Num aceite pu visita que 'u num vim the visitar
Eu vim buscar a senhora
A senhora eu quero levá
-Minha cabeça pode ir, mas meu corpo num vai lá
Foi piguntano por Zé Leite
-Zé leite não está
Ta na Vila do Piragô
Quando Zé leite
Nois tem muito o que
Mode ocê sair dizem
Lhe dô um cavalo arriado
-Eu um vim buscar cavalo
Nem vim contá histo história
Acho bom entrá pá dentro
Arruma vamos embora
Que 'u tô muito acostumado
Carregar muita senhora.
Zé Leite foi chegado e muito enfesado
-Ô mulher qui tanto chora?
A mulhé de envergonhada não sabia conta a história
Porém, os vizin sabia
Contaro na mesma hora
Passô a mão na mulhé
Foi pá casa dos seus pais
Chegô lá tudo em inpáis
Adeus meu sogro, Adeus minha sogra
Aqui está tua fia
Quem criou catoze anos
Pode ter mais uns dia.
Se eu num matar Rio Preto,
Eu num procuro mais a famia.
Zé Leite tinha um cunhadim
Que mostrava querer bem
Foi arriano seu cavalo
Sem dizer nada a ninguém
Vô dispidi di minha mãe
Ô minha mãe cê num chora
Nois vamo atrás daquele nego
Pá vê se o nego escora.
Saiu esses dois homi
feito onça comedeira*

O fragmento acima descreveum relatoda senhora Áurea Alves de Almeida, de 74 anos de idade, moradora da comunidade Serra dos Alves, município de Aracatu. Esse relato é bem conhecido na região e sempre contado nas reuniões de associações, nos encontros para “bater papo” à noite. Trata-se do Cemitério dos Cativos ou Cemitério das Almas, localizado na serra dos Alves, ambiente milagroso e assombroso concomitantemente.

Segundo aentrevistada na figura 01, houve um massacre de escravos há muitos anos na região que foram queimados vivos. Um padre foi visitar o local da matança e achou uma imagem de santo negro no local. A partir do ocorrido o ambiente passou a ser assombrado, as pessoas sempre ouvem vozes e são perseguidas por animais. Por outro lado, aqueles que fazem preces no local, relatam que sempre alcançaram graças. Ainda segundo Dona Áurea,existiu também um escravo muito ousado e esperto cujo nome era Rio Preto, o qual conseguiu sua liberdade, aprontoumuitas *bramuras*(bagunças, travessuras) na região em que vivia.

Esta história foi publicada na 11ª edição do periódico (figura 01). Na coleta das informações, houve uma pesquisa com moradores antigos, questionamentos com os jovens e conhecimento do famoso cemitério. Seguindo todos os protocolos de abordagem e registro, os entrevistados recepcionaram muito bem o jornal, prestando todas as informações solicitadas.

O que se destaca nesse trabalho é justamente o desejo das pessoas em se posicionarem sobre seu cotidiano, sobre seus saberes. Aqui podemos pontuar a questão da auto-representação dos indivíduos que falam com suas marcas linguísticas e culturais. Falam de si para si e para todos, sem vergonha, sem receio e com perspectivas de contribuir com a sociedade. Estes sujeitos não necessitam de porta-vozes, de mensageiros. Não precisam de mensageiros pelo fato de que já conseguiram efetuar a leitura contundente de que os mensageiros falham, enganam e se apropriam de seus bens, como o saber popular. Fogem assim da nomenclatura “tolos culturais que não sabem que estão sendo nutridos por um tipo atualizado de ópio do povo” (HALL, 2009, p. 237).

No fragmento abaixo a anciã declama toda a história do escravo Rio Preto, o qual caracteriza como uma “prusia, uma décima”:

Rio Preto era criado na sujeição
Depois alcançou a liberdade
Logo deu pra valentão
A troco de cartucheira, faca e facão
Rio Preto era um negro
do coração tão crué
Quele matava os pai de fãmia
Pra moderobar as mulhé
Muitas donzela, muitas viúva de Fé.
Arruma vamos embora.

(O RELATO, 2010, 11ª Ed).

Fazendo referência a Cláudia Neiva Matos (1992) “a cultura popular, tal como a primitiva ou selvagem, aparece aureolada de uma pureza e plenitude supostamente perdidas ou malbaratadas pela civilização moderna” (p. 311). Apesar de alguns *causos* serem disseminados pelo mundo de forma oral pelos nativos que migram para outros lugares e algumas vezes são registrados, este sem dúvida não tinha nenhum registro escrito até a chegada do Relato. Evidente que o episódio, sendo real ou fictício, reporta o ouvinte e/ou leitor para um tempo muito remoto, que muitas vezes não é valorizado nas escolas ou nos espaços acadêmicos, ora pela ausência de pesquisadores ora pelo descrédito conferido à cultura oral e popular. Sendo assim, o mergulho nestas histórias orais pode proporcionar um registro sistemático e impresso de sua gênese.

É o cuidadoso empenho de procurar os fatos fora dos livros impressos, nas fontes primitivas, a maioria ainda inéditas, nos manuscritos de nossas bibliotecas, nos documentos de nossos arquivos... Para reencontrar a vida histórica, seria preciso segui-la pacientemente em todos os seus caminhos, todas as suas formas, todos os seus elementos (MATOS, 1992, p. 321).

Percebe-se que o texto poético em evidência é organizado e conduzido conforme a entonação do seu enunciador que carrega as marcas do contexto enunciativo, aspectos linguísticos diferentes da norma padrão, adequação das palavras para concretizar rimas, a exemplo de *mulhé*, *crué* e *Fé*. O texto poético oral de Dona Áurea nos revela a construção de uma memória coletiva.

Quando ela conta este caso o mesmo será guardado na memória de outras pessoas e isso favorecerá sua permanência. Acrescenta-se também que, ao pronunciar o poema, existe toda uma articulação do emissor, “como os gestos, a dicção entonacional, as pausas, a mímica facial, os movimentos do corpo, até mesmo o estímulo da plateia, que não reduzem a oralidade à ação exclusiva da voz” (ALCOFORADO, 2008, p. 114). Isso implica dizer que há a *performance* na poesia oral, isto é, o momento em que o enunciador proclama seu verso, seu apoio, seu repente e a plateia o recebe no mesmo instante.

A publicação desse texto ganhou corpo. Ao chegar às escolas onde foi distribuído tornou-se alvo de constantes comentários. Os estudantes da região, que sempre ouviam o caso oral, tiveram a oportunidade de vê-lo em sua forma escrita. Na vida, tomamos posse das circunstâncias, conhecemos e aprendemos, em primeiro plano através da oralidade, pois não nascemos sabendo ler e escrever. Assim, “tomamos posse do mundo e das suas complexidades veladas à medida que construímos um discurso sobre elas, ainda no plano da oralidade” (YUNES, 2009, p. 12).

Os exemplares desta edição foram distribuídos sem nenhum custo para os moradores da comunidade de Serra dos Alves, no município de Aracatu – BA, que se sentiram alegres em verem uma parte da história de sua terra no jornal. As palavras no papel passavam a ser a manifestação concreta de suas memórias e sentimentos. As pessoas da localidade passaram a se interessar pelas próximas edições e questionaram qual a publicação do próximo exemplar, qual seria a região contemplada, pois queriam ler. A leitura do impresso, quando representa a realidade deste povo, não é algo tão complexo e inacessível. Ao contrário, é prazeroso e alimenta a perpetuação destas tradições orais.

Consideremos pertinente destacarmos imagens abaixo, conforme descrito anteriormente, a seção “Figuras da Terra”, cujo objetivo é o resgate da história de pessoas idosas ainda vivas que contribuíram para a cultura e/ou história da região.

Relato

FIGURAS DA TERRA



"*Todo ponto de vista é a vista de um ponto*" (Leonardo Boff *A ÁGUA E AGALINHA*). Baseado neste fragmento, o relato chega à conclusão de que, só se vê e se conhece se existir um ponto de partida e/ou de visão. Portanto, para conhecermos melhor a história do nosso povo, nossa terra, o desenvolver de tudo que somos, é preciso ver quem construiu e constrói a história de Bons Ares (Aracatu), ou seja, Figuras da Terra.

Uma grande figura de nossa terra, que será apresentada nesta primeira edição é Luciana Maria Teixeira de Jesus, a Lu.

De pele negra, sorriso sem dentes, mas sempre presente, o uso bengala, sapatilhas, terços e/ou voltas de santos no pescoço, são detalhes que caracterizam fielmente a figura centenária de Luciana. Oriunda da fazenda Santo Antônio, em Aracatu, região próxima ao povoado de Várzea da Pedra, Lu tem 107 anos de idade, segundo a mesma. Pode-se dizer que ela possui uma excelente saúde pela idade.

Começou a trabalhar na roça desde criança com uma pequena enxada que possuía, mesmo contra a vontade de seu pai que depois de muita insistência a aceitou no trabalho. Já trabalhou no estado de São Paulo, na cidade de Salvador e Vitória da Conquista e há um bom tempo mora em Aracatu na Rua Arnoldo Matias. Foi ela quem trabalhou cozinhando para o padre Ladislau Klenner (In memoriam)

Mesmo nessa idade, faz sua própria comida, arruma a casa, limpa o quintal, lava a roupa, faz tudo sozinha. Possui uma fé inabalável; frequentadora da comunidade cristã católica de Aracatu. "*Gosto muito dos santos: Senhora Aparecida, São Pedro, nosso advogado, São José, Nossa Senhora do Livramento, santos muito competente...*", diz ela. É assim desde quando era jovem e morava no Santo Antônio, rezava muito com sua tia Filipa.

Lu, pela sua idade, pelo jeito de viver, pela garra e o exemplo de amar a Deus, em fim, é um retrato original de Aracatu, que espelha e inspirará muitas pessoas a terem amor por esta terra de bons ares, bem como valorizarem sua cultura nos diversos sentidos abrangentes, afinal, um povo que não valoriza sua cultura, não valoriza suas memórias, conseqüentemente não valoriza a si mesmo.



Figura 03: Festa da cultura popular em Santanópolis-BA **Fonte:** O RELATO, 10ª, 2010.

Figura 02: Figuras da Terra: Lú.
Fonte: O RELATO, 2008, 1ª ED.

Sabemos que na medida em que mudam as gerações, as expressões verbais, as histórias populares, costumes, dentre outros elementos, a memória tende a cair no esquecimento. Por isso,

acreditamos o quanto é importante preservar a memória dos idosos. Perante isso, o papel do jornal estudado é relevante, enquanto possibilidade de garantia que tais histórias (ou estórias) não caiam no esquecimento, haja vista que:

[...] os registros da memória são destinados a manter e consolidar a identidade cultural, ao se configurarem como patrimônio documental e patrimônio bibliográfico, em se tratando de bibliotecas, arquivos e seus afins (BARROS 2003,p.73).

Ao defendermos a preservação e valorização das histórias de nossos idosos (figura 2) e ao registrar suas trajetórias de vida, estamos tentando impedir que esses relatos e experiências se percam como tem acontecido ao longo da história ocidental. Acreditamos que o conhecimento da cultura local pode contribuir para o processo de valorização da identidade dos sujeitos, suas práticas culturais, o arcabouço de conhecimentos e comportamento, ritos, mitos, símbolos crenças, conforme demonstra a figura 3 (Festa da Cultura Popular).

Acreditamos que um grande desafio que temos é fazer com que as novas gerações conheçam essa trajetória, pois, na maioria das vezes, a referida temática não entra nos planejamentos pedagógicos. Tal fato deve-se, provavelmente, por desconhecimento de quanto isso pode trazer um forte contributo para o fortalecimento de vínculos de identidade e pertencimento sociocultural.

A valorização desta temática, mediante o que explana Barreto (2002, p.70),

[...] referencia o homem a seu destino, desde antes de seu nascimento, com sua identidade genética, e durante sua existência pela capacidade em relacionar suas memórias do passado com uma perspectiva de futuro e assim estabelecer diretrizes para realizar sua aventura individual no espaço e no tempo.

Podemos considerar que essas manifestações poderiam ser pensadas como heranças culturais que precisam ser passadas para outras gerações. Logo, preservá-las deixa de ser dever só da escola e do poder público, mas de todo o cidadão.

Considerações Finais

O trabalho desenvolvido de forma dinâmica, contextualizada e indo ao encontro das comunidades, gerou um constante engajamento social das pessoas. O público leitor enviou poemas, matérias, questionamentos e elogios. Várias pessoas passaram a ser leitoras assíduas do jornal, pois se viam auto representadas no mesmo, compreendendo este veículo de comunicação como uma espécie de representação de sua realidade.

Tanto os residentes das zonas rurais, quanto os das sedes dos municípios de circulação procuraram O Relato para indicarem e/ou proporem temáticas para matérias. No tocante à arte e a cultura regional, a representação e promoção das mesmas foram e são constantes. Cada artista e cada tradição cultural são inspirações para a sobrevivência do projeto, pois a busca pelas raízes culturais mais remotas, pelas várias artes, nutriu os idealizadores do projeto Jornal O Relato. Ressalta-se ainda que muitos textos, após impressos, passaram a ser publicados em um blog¹, o que permite que “os filhos da terra”, residentes em outros estados, a exemplo de São Paulo, possam tomar conhecimento dos fatos, das manifestações culturais e dos problemas de seu torrão natal.

O Relato pretende criar uma sede que servirá também de espaço cultural, para que professores, poetas, músicos, sanfoneiros, líderes de igreja e comunidade e lideranças políticas possam discutir projetos que impulsionem a cultura local e regional. Evidentemente que haverá um expediente a fim de ouvir as denúncias e sugestões da população. Esta sede disponibilizará de um acervo dos jornais, assim como de livros, enciclopédias e revistas, oriundas de doações e campanhas bem como adquirir máquinas fotográficas e um computador.

Há muitos tesouros e pelezas no baú da cultura sertaneja que não conhecemos ou não vivenciamos ainda. Diversas manifestações artísticas estão sendo suprimidas com o acultramento ou com a cultura das massas. Portanto, O Relato pretende fomentar ainda mais o reflorescer da cultura popular, denunciar as mazelas do Sertão, reforçar o incentivo ao hábito da leitura. Assim,

¹<https://jornalrelato.blogspot.com>

almeja contribuir para que os índices educacionais e a cultura alcancem patamares mais elevados do que os vigentes nos confins de circulação.

Referências

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. **Literatura Oral e Popular**. Boitató – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Número especial – ago-dez de 2008.

BARROS, Maria Helena T. C. **Disseminação da informação: entre a teoria e a prática**. Marília: [s.n.], 2003.

BARRETO, R.G. **Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando novos e velhos (des)encontros**. São Paulo: Loyola, 2002.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: Em três artigos que se completam. 43 Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 3 ED. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende. 1 ED. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 14 ED. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MATOS, Cláudia Neiva. Popular. In: JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**: Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Col Pierre Menard.

MENDES, Amélia; SANTOS, Charlene; SANTIAGO, Pietro. Preservação do acervo histórico da oficina guaianases de gravuras. **Biblionline**, João Pessoa, número especial, p. 56-62, 2010.

Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/9624/5236>. Acesso em: 10 agosto. 2013.

PEDROSO, S. F. **A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira**. 1999. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística

Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

O RELATO, Jornal. 1ª ED. Brumado: Gráfica V7, 2008.

O RELATO, Jornal. 2ª ED. Brumado: Gráfica Bandeirante, 2008.

O RELATO, Jornal. 10ª ED. Brumado: Gráfica Bandeirante, 2010.

O RELATO, Jornal. 11ª ED. Brumado: Gráfica Bandeirante, 2010.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.